

## **TRADUÇÃO E COMENTÁRIO À DIATRIBE DE EPICTETO 1.2: COMO MANTER O CARÁTER PRÓPRIO EM TODAS AS OCASIÕES**

**Aldo Dinucci**

Membro Permanente do Mestrado em Filosofia da UFS

VIVA VOX – DFL - UFS

Epicteto, um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, entre os quais se incluem Sêneca, Musônio Rufo e Marco Aurélio, nasceu no ano 55 em Hierápolis, na Frígia, e morreu por volta de 135 em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Épiro. Filho de uma serva, recebeu um nome que era comumente dado a servos na Antiguidade e que significa ‘adquirido’. Seu senhor, Epafrodito, foi secretário imperial de Nero e Domiciano. Chegando a Roma, Epicteto passou a frequentar a escola de Musônio Rufo. Tornando-se liberto, lecionou na Cidade Eterna, onde viveu de forma absolutamente despojada.

Entre 89 e 94, quando Epicteto já era um filósofo reconhecido, Domiciano expulsou de Roma todos os filósofos. Epicteto se retirou então para Nicópolis, onde abriu sua escola de filosofia, que logo se tornou renomada. Tinha saúde fraca e era manco. Já em idade avançada, adotou um menino que iria ser abandonado pelo pai. Como Sócrates, nada escreveu. Seu pensamento nos chegou através de seu aluno Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheirídion de Epicteto*, um breviário de princípios morais epictetianos.

Contemporâneo de Plutarco e Tácito, Epicteto foi influente já em seu tempo, tendo tido como amigo o imperador Adriano. O imperador e filósofo Marco Aurélio

Antonino foi um grande admirador e seguidor de seu pensamento. Aulo Gélcio e Luciano o elogiaram. Galeno escreveu um tratado em sua defesa, hoje perdido. Sua influência se difundiu na Modernidade, tendo sido determinante para a constituição do Neo-Estoicismo através de Justus Lipsius e Guillaume Du Vair. Recentemente, têm-se intensificado os estudos sobre Epicteto, sobretudo pela atenção que recebeu de Foucault na obra *A Hermenêutica do Sujeito*, na qual o filósofo francês afirma haver em Epicteto a emergência de um “quase sujeito”, antecedente genealógico do sujeito moderno.

As *Diatribes de Epicteto*, ao contrário das demais obras do próprio Arriano, são escritas em grego *koiné*, i.e. o grego falado naqueles tempos, e não em grego ático, então meramente literário e não mais falado em parte alguma. Arriano era grego da Bitínia e cidadão romano por nascimento. Sua ascensão aos altos cargos romanos indica que membros de sua família já possuíam a cidadania romana. Seu nome completo: Lúcio Flávio Arriano Xenofonte. O prenome Lúcio foi descoberto numa base de estátua em Atenas.<sup>1</sup> Antes dessa descoberta, achava-se que Arriano havia recebido a cidadania romana de algum dos imperadores Flavianos ou de Flávio Sabino, pai de Vespasiano. Entretanto, o prenome Lucius, afirma Stadter,<sup>2</sup> indica que a família de Arriano adquirira a cidadania romana por volta da segunda metade do século 1. O sobrenome Xenofonte, com o qual Arriano se intitula em suas obras, e que se pensava que Arriano adquirira tarde, é, na verdade, parte integral de seu nome.

Arriano foi, entre seus 18 e 19 anos, estudar com Epicteto em Nicópolis (era costume na época que filhos de famílias abastadas estudassem nessa idade retórica ou filosofia), lá permanecendo entre 105 e 113. Nessa época, escreveu as *Diatribes de Epicteto*. Entretanto, a carta que prefacia as *Diatribes* foi escrita na velhice de Arriano, após a morte de Epicteto (pois assim este é referido na carta-prefácio), quando Arriano decidiu finalmente editar e publicar a obra. Originalmente, havia ao menos oito livros,

---

1 DINA PEPPAS-DELMOUSOU. Basis andriantos tou Arrianou. In: Athens Annals of Archeology, 3, 1970, p. 377-80.

2 STADTER, 1980, p. 2.

dos quais nos chegaram apenas quatro, sendo trinta diatribes no primeiro livro, vinte e seis no segundo e no terceiro, e apenas treze no quarto.

O nome atual em grego é aquele presente no mais antigo códice de que dispomos (e arquétipo de todos os demais): o *Bodleianus Graecorum Miscellaneorum 251 (s)*, do fim do século XI ou do início do século XII, atualmente conservado na biblioteca Bodleiana, em Oxford. A primeira edição do texto grego é a de Trincavelli,<sup>3</sup> de 1525. Destacam-se a seguir a edição de H. Wolf,<sup>4</sup> de 1560-3, e a edição de Upton<sup>5</sup>, de 1739-41, que serviu de base para o trabalho de Schweighauser,<sup>6</sup> que estabeleceu o texto pela primeira vez, publicando sua obra entre 1799-1800. O estabelecimento do texto foi novamente corrigido e publicado por Schenkl primeiramente em 1899 e, depois, em edição bastante aperfeiçoada, em 1916.<sup>7</sup> O texto estabelecido por Schenkl serve até nossos dias de base para todas as edições em línguas modernas, e por ele nos guiaremos em nossa tradução.

A primeira edição em língua inglesa é a de Elizabeth Carter,<sup>8</sup> de 1758. No século XX, disseminaram-se as edições das *Diatribes de Epicteto* em línguas modernas, sendo as principais, com as quais cotejaremos nossa tradução, as de Oldfather (1925-1928), Souilhé (1948-1965) e Dobbin (1998). Usaremos essas três últimas edições, reconhecidas como as melhores entre as traduções contemporâneas, para cotejar nossa tradução.

### δ' . Περὶ προκοπῆς.

---

3 TRINCAVELLI. *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza: 1535.

4 WOLF, H. *Arriani Commentariorum de Epicteti Disputationibus*. Basiléia: 1560-3.

5 UPTON, J. *Epicteti quae supersunt Dissertationes ab Arriano Collectae*. 2 volumes. Londres: 1739-41.

6 SCHWEIGHÄUSER, J. *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 5 volumes. Leipzig: Teubner, 1799-1800.

7 SCHENKL, H. *Epicteti Dissertationes ab Arriano Digestae*. 2ª. Edição. Leipzig: Teubner, 1916.

8 CARTER, E. *All the works of Epictetus, which are now extant, consisting of his Discourses, preserved by Arrian, in four books, the Enchiridion and Fragments*. Londres: 1758.

**1.4.1.1** Ὁ προκόπτων μεμαθηκῶς παρὰ τῶν φιλοσόφων ὅτι ἢ μὲν ὄρεξις ἀγαθῶν ἐστίν, ἢ δ' ἔκκλισις πρὸς κακά, μεμαθηκῶς δὲ καὶ ὅτι οὐκ ἄλλως τὸ εὖ ρουν καὶ ἀπαθὲς περιγίνεται τῷ ἀνθρώπῳ ἢ ἐν ὀρέξει **1.4.1.5** μὲν μὴ ἀποτυγχάνοντι, ἐν ἐκκλίσει <δὲ> μὴ περιπίπτοντι, τὴν μὲν ὄρεξιν ἥρκεν ἐξ αὐτοῦ εἰσάπαν καὶ ὑπερτέθειται, τῆν ἐκκλίσει δὲ πρὸς μόνα χρῆται **1.4.2.1** τὰ προαιρετικά. τῶν γὰρ ἀπροαιρέτων ἄν τι ἐκκλίνῃ, οἷ δὲν ὅτι περιπεσεῖται ποτέ τι παρὰ τὴν ἔκκλισιν τὴν **1.4.3.1** αὐτοῦ καὶ δυστυχήσει. εἰ δ' ἢ ἀρετὴ ταύτην ἔχει τὴν ἐπαγγελίαν εὐδαιμονίαν ποιῆσαι καὶ ἀπάθειαν καὶ εὐροίαν, πάντως καὶ ἢ προκοπὴ <ἢ> πρὸς αὐτὴν πρὸς **1.4.4.1** ἔκαστον τούτων ἐστὶ προκοπή. ἀεὶ γὰρ πρὸς ὃ ἄν ἢ τελειότης τινὸς καθάπαξ ἄγῃ, πρὸς αὐτὸ ἢ προκοπὴ συνεγγισμός ἐστίν. **1.4.5.1** Πῶς οἷν τὴν μὲν ἀρετὴν τοιοῦτόν τι ὁμολογοῦμεν, τὴν προκοπὴν δ' ἐν ἄλλοις ζητοῦμεν καὶ ἐπιδείκνυμεν; **1.4.6.1** τί ἔργον ἀρετῆς; εὐροία. τίς οἷν προκόπτει; ὁ πολλὰς **1.4.7.1** Χρυσίππου συντάξεις ἀνεγνωκῶς; μὴ γὰρ ἢ ἀρετὴ τοῦτ' ἔστι Χρυσίππον νενοηκένας; εἰ γὰρ τοῦτ' ἔστιν, ὁμολογουμένως ἢ προκοπὴ οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ τὸ πολλὰ τῶν 1.4.8.1 Χρυσίππου νοεῖν. νῦν δ' ἄλλο μὲν τι τὴν ἀρετὴν ἐπιφέρειν ὁμολογοῦμεν, ἄλλο[ν] δὲ τὸν συνεγγισμόν, τὴν **1.4.9.1** προκοπὴν ἀποφαίνομεν. 'οἷτος', φησίν, 'ἦδη καὶ δι' αὐτοῦ δύναται Χρυσίππον ἀναγινώσκειν'. εἴ, νῆ τοῦς θεοῦς, **1.4.10.1** προκόπτεις, ἀνθρωπε· ποίαν προκοπὴν. 'τί ἐμπαίζεις αὐτῶ;' τί δ' ἀπάγεις αὐτὸν τῆς συναισθήσεως τῶν αὐτοῦ κακῶν; οὐ θέλεις δεῖξαι αὐτῶ τὸ ἔργον τῆς ἀρετῆς, ἴνα **1.4.11.1** μάθη ποῦ τὴν προκοπὴν ζητῆ; ἐκεῖ ζήτησον αὐτήν, ταλαίπωρε, ὅπου σου τὸ ἔργον. ποῦ δέ σου τὸ ἔργον; ἐν ὀρέξει καὶ ἐκκλίσει, ἴν' ἀναπότευκτος ἦς καὶ ἀπερίπτωτος, ἐν ὀρμαῖς καὶ ἀφορμαῖς, ἴν' ἀναμάρτητος, ἐν προ<ς>θέσει **1.4.12.1** καὶ ἐποχῆ, ἴν' ἀνεξαπάτητος. πρῶτοι δ' εἰσὶν οἱ πρῶτοι τόποι καὶ ἀναγκαιότατοι. ἄν δὲ τρέμων καὶ πενθῶν ζητῆς ἀπερίπτωτος εἶναι, ἄρα πῶς προκόπτεις; **1.4.13.1** Σὺ οἷν ἐνταῦθά μοι δεῖξόν σου τὴν προκοπὴν. καθάπερ εἰ ἀθλητῆ διελεγόμεν 'δεῖξόν μοι τοῦς ὤμους', εἴτα ἔλεγεν ἐκεῖνος 'ἴδε μου τοῦς ἀλτήρας'. ὄψει σὺ καὶ οἱ ἀλτήρες, ἐγὼ τὸ

ἀ ποτέλεσμα τῶν ἀ λτήρων ἰ δεῖ ν **1.4.14.1** βούλομαι. ‘λάβε τή ν περι ὀ ρμῆ ς σύνταξιν καὶ γνῶθι πῶς αὐ τή ν ἀ νέγνωκα.’ ἀ νδράποδον, οὐ τοῦ το ζητῶ, ἀ λλά πῶς ὀ ρμῆ ς καὶ ἀ φορμῆ ς, πῶς ὀ ρέγη καὶ ἐ κκλίνεις, πῶς ἐ πιβάλλη καὶ προ[ς]τίθεσαι καὶ παρασκευάζη, πότερα **1.4.15.1** συμφώνως τῆ φύσει ἢ ἀ συμφώνως. εἰ γὰ ρ συμφώνως, τοῦ τό μοι δείκνυε καὶ ἐ ρῶ σοι ὅ τι προκόπτεις· εἰ δ’ ἀ συμφώνως, ἄ πελθε καὶ μὴ μόνον ἐ ξηγοῦ τὰ βιβλία, **1.4.16.1** ἀ λλά καὶ γράφε αὐ τὸ ς τοιαῦ τα. καὶ τί σοι ὄ φελος; οὐ κ οἶ δας ὅ τι ὄ λον τὸ βιβλίον πέντε δηναρίων ἐ στίν; ὀ οἶ ν ἐ ξηγούμενος αὐ τὸ δοκεῖ ὅ τι πλείονος ἄ ξιός ἐ στίν ἢ πέντε δηναρίων; μηδέποτε οἶ ν ἀ λλαχοῦ τὸ ἔ ργον ζητεῖ τε, ἀ λλαχοῦ τή ν προκοπή ν. **1.4.18.1** Ποῦ οἶ ν προκοπή; εἴ τις ὑ μῶν ἀ ποστὰ ς τῶν ἐ κτὸ ς ἐ πὶ τή ν προαίρεσιν ἐ πέστραπται τή ν αὐ τοῦ, ταύτην ἐ ξεργάζεσθαι καὶ ἐ κπονεῖ ν, ὥ στε σύμφωνον ἀ ποτελέσαι τῆ φύσει, ὑ ψηλῆ ν ἐ λευθέραν ἀ κώλυτον ἀ νεμπόδιστον **1.4.19.1** πιστή ν αἰ δήμονα· μεμάθηκέν τε, ὅ τι ὀ τὰ μὴ ἐ φ’ αὐ τῶ ποθῶν ἢ φεύγων οὔ τε πιστὸ ς εἶ ναι δύναται οὔ τ’ ἐ λεύθερος, ἀ λλ’ ἀ νάγκη μεταπίπτειν καὶ μετα<ρ>ριπίζεσθαι ἄ μα ἐ κείνοις καὶ αὐ τόν, ἀ νάγκη δὲ καὶ ὑ ποτεταχέναι **1.4.19.5** ἄ λλοισ ἐ αυτόν, τοῖ ς ἐ κεῖ να περιποιεῖ ν ἢ κωλύειν **1.4.20.1** δυναμένοις· καὶ λοιπὸ ν ἔ ωθεν ἀ νιστάμενος ταῦ τα τηρεῖ καὶ φυλάσσει, λούεται ὡς πιστός, ὡς αἰ δήμων ἐ σθίει, ὡσαύτως ἐ πὶ τῆ ς ἀ εὶ παραπιπτούσης ὕ λης τὰ προηγούμενα ἐ κπονῶν, ὡς ὀ δρομεὺ ς δρομικῶ ς καὶ ὀ φώναςκος **1.4.21.1** φωνασκικῶ ς· οἶ τὸ ς ἐ στίν ὀ προκόπτων ταῖ ς ἀ ληθείαις καὶ ὀ μὴ εἰ κῆ ἀ ποδεδημηκῶ ς οἶ τὸ ς ἐ στίν. **1.4.22.1** εἰ δ’ ἐ πὶ τή ν ἐ ν τοῖ ς βιβλίοις ἔ ξιν τέταται καὶ ταύτην ἐ κπονεῖ καὶ ἐ πὶ τοῦ το ἐ κδεδήμηκε, λέγω αὐ τῶ αὐ τόθεν **1.4.23.1** πορεύεσθαι εἰ ς οἶ κον καὶ μὴ ἀ μελεῖ ν τῶν ἐ κεῖ · τοῦ το γὰ ρ ἐ φ’ ὀ ἀ ποδεδήμηκεν οὐ δέν ἐ στίν· ἀ λλ’ ἐ κεῖ νο, με<λε>τῆ ν ἐ ξελεῖ ν τοῦ αὐ τοῦ βίου πένθη καὶ οἰ μωγὰ ς καὶ <τὸ > ‘οἶ μοι’ καὶ τὸ ‘τάλας ἐ γῶ’ καὶ δυστυχίαν καὶ **1.4.24.1** ἀ τυχίαν καὶ μαθεῖ ν, τί ἐ στι θάνατος, τί φυγή, τί δεσμωτήριον, τί [νος]κῶν<ε>ιον, ἴ να δύνηται λέγειν ἐ ν τῆ φυλακῆ ‘ὦ φίλε Κρίτων, εἰ ταύτη τοῖ ς θεοῖ ς φίλον, ταύτη γινέσθω’ καὶ μὴ ἐ κεῖ να ‘τάλας ἐ γῶ, γέρων **1.4.25.1** ἄ νθρωπος,

ἐπὶ ταῦτά μου τὰς πολιὰς ἐτήρησα<sup>9</sup>. τίς λέγει ταῦτα; δοκεῖτε ὅτι ὑμῖν ἄδοξόν τινα ἔρῳ καὶ ταπεινόν; Πρίαμος αὐτὰ οὐ λέγει; Οἱ δῖπους οὐ λέγει; ἀλλ' ὅποσοι **1.4.26.1** βασιλεῖς λέγουσιν; τί γάρ εἰσιν ἄλλο τραγωδία ἢ ἀνθρώπων πάθη τεθναμακότων τὰ ἐκτὸς διὰ μέτρου **1.4.27.1** τοιοῦδ' ἐπιδεικνύμενα; εἰ γὰρ ἐξαπατηθέντα τινὰ ἔδει μαθεῖν, ὅτι τῶν ἐκτὸς <καὶ> ἀπροαιρέτων οὐδέν ἐστι πρὸς ἡμᾶς, ἐγὼ μὲν ἠθέλον τὴν ἀπάτην ταύτην, ἐξ ἧς ἡμελλον εὐρώως καὶ ἀταράχως βιώσεσθαι, ὑμεῖς δ' ὄψεσθ' αὐτοὶ **1.4.27.5** τί θέλετε. **1.4.28.1** Τί οὖν ἡμῖν παρέχει Χρῦσιππος; Ἴνα γνῶς, φησίν, ὅτι οὐ ψευδῆ ταῦτά ἐστιν, ἐξ ὧν ἡ εὐροιά ἐστι **1.4.29.1** καὶ ἀπάθεια ἀπαντᾷ, λάβε μου τὰ βιβλία καὶ γνώση ὡς ..... τε καὶ σύμφωνα ἐστι τῆ φύσει τὰ ἀπαθῆ με ποιοῦντα. ὦ μεγάλης εὐτυχίας, ὦ μεγάλου **1.4.30.1** εὐεργέτου τοῦ δεικνύοντος τὴν ὁδόν. εἴ τα Τριπτο λέμῳ μὲν ἰερά καὶ βωμοὺς πάντες ἀνθρώποι **1.4.31.1** ἀνεστάκασιν, ὅτι τὰς ἡμέρους τροφὰς ἡμῖν ἔδωκεν, τῷ δὲ τὴν ἀλήθειαν εὐρόντι καὶ φωτίσαντι καὶ εἰς πάντας ἀνθρώπους ἐξενεγκόντι, οὐ τὴν περὶ τὸ ζῆν, ἀλλὰ τὴν πρὸς τὸ εἶ ζῆν, τίς ὑμῶν ἐπὶ τούτῳ βωμὸν ἰδρύσατο ἢ ναὸν ἢ **1.4.32.1** ἄγαλμα ἀνέθηκεν ἢ τὸν θεὸν ἐπὶ τούτῳ προσκυνεῖ; ἀλλ' ὅτι μὲν ἄμπελον ἔδωκεν ἢ πυρούς, ἐπιθύομεν τούτου ἔνεκα, ὅτι δὲ τοιοῦτον ἐξήνεγκαν καρπὸν ἐν ἀνθρωπίνῃ διανοίᾳ, δι' οὗ τὴν ἀλήθειαν τὴν περὶ εὐδαιμονίας **1.4.32.5** δείξειν ἡμῖν ἡμελλον, τούτου δ' ἔνεκα οὐκ εὐχαριστήσωμεν τῷ θεῷ;

## **DIATRIBE 1.2 COMO MANTER O CARÁTER PRÓPRIO<sup>9</sup> EM TODAS AS OCASIÕES:**

---

<sup>9</sup> *Katá prósōpon*: Souilhé traduz a expressão por “dignité personnelle”; Dobbin e Oldfather, por “proper character”. Nessa diatribe, Epicteto reflete sobre a relação entre personalidade e ética. Nesta diatribe, Epicteto faz referência à teoria dos papéis de Panécio de Rhodes (apresentada por Cícero no *De Officiis*, I, xxx, 107- xxxiii, 121).

(1) Para o animal racional<sup>10</sup> unicamente é insuportável<sup>11</sup> o que é irracional. Mas o que é racional é suportável. (2) Por natureza, pancadas não são insuportáveis.

– Como assim?

– Vê como: os lacedemônios<sup>12</sup> são chicoteados por aprenderem que isso é racional.

– (3) Mas não é insuportável enforcar-se?

– (4) Quando alguém sentir que é racional, ele vai e se enforca. Em suma: se observarmos bem, por nada encontraremos o animal <racional> sendo mais oprimido que pelo irracional e, em sentido inverso, por nada sendo mais atraído que pelo racional.

(5) Mas acontece que o racional e o irracional se revelam diferentes para cada um, assim como o bem e o mal e o vantajoso e o desvantajoso. (6) Sobretudo por isso precisamos nos educar: aprender a aplicar, de modo harmonioso à natureza, a pré-concepção<sup>13</sup> do racional e do irracional aos casos particulares.

(7) Para a distinção entre o racional e o irracional, não nos guiamos unicamente pelos valores das coisas exteriores, mas também <pelos valores> das coisas segundo o caráter próprio de cada um. (8) Pois para um é racional segurar um pinico porque somente considera que, não o segurando, receberá pancadas e não terá alimento, mas, segurando-o, (9) não sofrerá algo rude ou doloroso. Mas, para outro, não unicamente parece insuportável segurá-lo, como também suportar que outro o segure. (10) Então se me perguntares: “Segurarei o pinico ou não?”, dir-te-ei que tem mais valor receber alimentos que não os receber, e que é mais desprovido de valor<sup>14</sup> ser castigado que não o ser. (11) De modo que, se medes por essas coisas as tuas próprias, vai então segurá-lo.

– Mas isso não teria valor para mim.

---

10 *Logikón zōōn*.

11 *Aphórēton*: insuportável; cf. *Encheiridion de Epicteto*, capítulo 43.

12 Os jovens espartanos eram ritualmente chicoteados diante do altar de Artêmis. Cf. Sexto Empírico, *Esboços de Pirronismo*, 3.208.

13 *Prólēpsis*.

14 *Apaxía*.

– Isso te é preciso inserir na deliberação, não eu. Pois és tu que conheces a ti mesmo, quanto valor tens para ti mesmo e por quanto vendes a ti mesmo. Pois diferentes homens vendem-se por diferentes preços.

(12) Por isso, quando Floro deliberava se devia descer ao espetáculo de Nero para que (13) também contribuísse em algo com o espetáculo, Agripino lhe disse: “Desce”. (14) Mas quando Floro lhe indagou: “É por que tu mesmo não desces?”, ele disse: “Sequer cogitei essa possibilidade<sup>15</sup>”. (15) Pois próximo está daqueles que esquecem o caráter que lhes é próprio o que, durante a reflexão sobre tais coisas, uma vez tendo julgado o valor das coisas externas, <de imediato> atribui seus votos. (16) E tu, o que me indagas? “É a morte preferível à vida?” Digo que é a vida. “É a dor preferível ao prazer?” Digo que é o prazer.

– (16) Mas se eu não participar da tragédia<sup>16</sup>, serei decapitado”.

– Vai então e participa da tragédia.

– (17) Mas não participarei da tragédia.

–Por que?

– Porque tu te crês uma linha entre as que <compõem> a túnica.

– E daí?

– É-te preciso refletir como não seres dessemelhante aos outros homens, (18) do mesmo modo que uma linha não deseja possuir nada de singular em relação às outras linhas. Mas eu desejo ser a linha púrpura<sup>17</sup>, aquela pequena e brilhante, razão para as demais se apresentarem<sup>18</sup> graciosas e belas Por que então me dizes: “Age de modo semelhante aos muitos?” Como ainda serei a faixa púrpura?

---

15 Literalmente: “Nem deliberei”.

16 Oldfather (2000, p. 18, n.10) crê que a participação de Floro consistiria em representar um papel numa tragédia.

17 Referência à faixa púrpura da *toga praetexta*, vestimenta usada somente pelos altos magistrados romanos

18 *Phainomai*.



(19) Prisco Helonídeo<sup>19</sup> viu também essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que ele não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti<sup>20</sup> não me permitir ser senador. Mas, na medida em que eu o for, é-me preciso comparecer”.

– (20) Vai – disse Vespasiano – mas, comparecendo, fica em silêncio.

– Não me interrogues e ficarei silêncio.

– (21) Mas me é preciso interrogar-te.

– E me é preciso dizer o que se me afigura justo.

– Mas se falares, condenar-te-ei à morte”.

– Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é <ação><sup>21</sup> tua e eu farei o que é <ação> minha. É <ação> tua condenar-me à morte. É <ação> minha (22) morrer sem tremer. É <ação> tua condenar-me ao exílio. É <ação> minha retirar-me sem me afligir.

Para que então foi útil Prisco, sendo <apenas> um? Para que é útil a linha púrpura ao manto? Pois que outra coisa em Prisco se apresenta notável como a linha púrpura (23) senão o belo exemplo que expõe aos demais? Um outro, quando César lhe falasse em tais circunstâncias para não ir ao Senado, diria: (24) “Dou-te graças por seres clemente”. Talvez César nem mesmo impedisse um tal homem de ir ao Senado, mas saberia que ele iria sentar-se como um vaso ou, se falasse, diria as coisas que soubesse que César quisesse <ouvir>, e acrescentaria ainda mais coisas <que agradassem a César>.

(25) Do mesmo modo <agiu> também um atleta que corria o risco de morrer se não lhe amputassem o membro viril. Quando foi ter com ele o irmão – era um filósofo –

---

19 Helvídio Prisco Helonídeo foi um filósofo estoico que viveu sob Nero, Galba, Otho, Vitellius e Vespasiano. Sob Nero foi questor da Acaia e tribuno das plebes (56). Restaurou a ordem e a paz na Armênia. Foi banido em 66 por sua simpatia por Bruto e Cássio. Galba o trouxe do exílio em 68, mas foi novamente banido e, a seguir, executado por Vespasiano.

20 *Epí sofí*: assim, segundo Epicteto, Prisco toma decisões moralmente acertadas a partir da distinção entre o que está e não está sob seu controle, sobre o que depende ou não de si.

21 Creio que aqui está suposto *érgon*. Cf. *Encheirídion de Epicteto*, capítulo 50.

que lhe disse: “Então, irmão, amputaremos essa parte e ainda assim iremos ao ginásio?”, o atleta não se submeteu e, sendo perseverante, morreu. (26) Quando alguém indagou: “Como ele fez isso? Como atleta ou como filósofo?” Epicteto lhe disse: “Como homem, homem que foi anunciado e lutou nos Jogos Olímpicos, e que naquele mesmo lugar habitou, sem ter sido untado (27) na escola de Bato”<sup>22</sup>.

(28) Outro teria o pescoço decepado se fosse possível viver sem ele. Tal é o caráter próprio; enorme é a sua força para os que estão habituados a, por si mesmos, inseri-lo nas deliberações.

— (29) Então, Epicteto, faz a barba.

– Se eu for filósofo, direi: “Não a farei”<sup>23</sup>.

– Mas te cortarei o pescoço.

– (30) Se é melhor para ti, corta-o.

Alguém indagou a Epicteto: “Quando então perceberemos o caráter próprio de cada um?” Quando o leão ataca– disse Epicteto – o touro por si mesmo não percebe a sua constituição natural<sup>24</sup> e se lança em defesa de toda a sua manada? Ou é evidente que imediatamente, por possuir a constituição natural, possui-se ao mesmo tempo e por completo a percepção dela? (31) Então se qualquer um de nós possuir tal disposição natural, não a ignorará. (32) Mas o touro não se torna subitamente touro, nem o homem se torna subitamente nobre, mas é preciso ter passado por um treinamento de inverno<sup>25</sup>,

---

22 Um famoso treinador da época. “Sem ter sido untado”: quer dizer, sem ter sido preparado ou sem ter treinado na escola de Bato. Na Antiguidade, os atletas, antes de seus exercícios, tinham o corpo untado. Epicteto, portanto, refere-se ao atleta em questão como alguém que se fez por si mesmo.

23 Nesse tempo, a barba era signo do filósofo. Assim, retirar a barba equivale a deixar de filosofar.

24 *Paraskeuō*: esse termo é muitas vezes usado em sentido militar, referindo-se ao equipamento que cada soldado traz consigo (equipagem). Aqui o termo é usado na conotação estritamente estoica: a constituição natural –i.e. recebida da natureza – e própria de cada um.

25 *Cheimaschéō*: literalmente “exercitar-se no inverno”. Termo relativo aos acampamentos de inverno nos quais os soldados romanos se exercitavam, preparando-se para batalhas vindouras.

<é preciso> ter-se preparado<sup>26</sup> e não se lançar ao acaso sobre coisas que não são apropriadas. (33) Apenas delibera por quanto vendes a tua <faculdade de> escolha. Homem, se não puderes fazer outra coisa, que ao menos não a vendas por pouco. Mas talvez as coisas grandes e singulares pertençam a outros, a Sócrates e outros tais.

(34) – Então, se somos assim por natureza<sup>27</sup>, por que nem todos nem muitos se tornam tais?

(35) – Todos os cavalos se tornam velozes? Todos os cães se tornam farejadores? E então? Se sou naturalmente sem talento, em razão disso eu deveria pôr de lado o cuidado?

(36) De modo algum. Epicteto não será melhor que Sócrates: mas se eu não for, ser-me-á suficiente não ser pior. (37) Pois não serei Mílon<sup>28</sup> e igualmente não descuido do corpo. Pois não serei Creso<sup>29</sup> e igualmente não descuido das posses. Nem, em suma, rejeitamos cuidar de alguma outra coisa por não esperarmos ser os melhores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTER, E. *All the works of Epictetus, wich are now extant, consisting of his Discourses, preserved by Arrian, in four books, the Enchiridion and Fragments*. Londres: 1758.

CÍCERO. *On Duties*. Trad. W. Miller. Harvard: Loeb Classical Library, 1913.

EPICTETO. *O Encheirídion de Epicteto. Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.

EPICTETO. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008.

EPICTETO. *Epictetus Discourses book I*. Trad. Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.

EPICTETO. *Entretiens. Livre I*. Trad. Joseph Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

EPICTETUS. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian; Fragments;*

---

<sup>26</sup> *Parakeuásasthai*: infinitivo aoristo médio de *paraskeuázō* (preparar-se).

<sup>27</sup> Como Sócrates.

<sup>28</sup> Mílon: um célebre lutador grego que teria ganho seis vezes nos Jogos Olímpicos e seis vezes nos Jogos Píticos. Diz-se que era tão forte que carregava a própria estátua (cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 6.14.6).

<sup>29</sup> Creso: último rei da Lídia (entre 560 e 547 a. C.), submeteu as principais cidades da Anatólia. Imensamente rico, deixou magníficas oferendas em Delfos, entre as quais se incluía um leão de ouro (cf. Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.5.13).

- Encheiridion*. Trad. Oldfather. Harvard: Loeb, 2000.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*, Volume III, Books 6-8. Trad. W. H. S. Jones. Harvard: Loeb, 1933.
- SCHWEIGHÄUSER, J. *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 5 volumes. Leipzig: Teubner, 1799-1800.
- SCHENKL, H. *Epicteti Dissertationes ab Arriano Digestae*. 2ª. Edição. Leipzig: Teubner, 1916.
- SEXTO EMPÍRICO. *Outlines of Pyrrhonism*. Trad. R. G. Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1933.
- UPTON, J. *Epicteti quae supersunt Dissertationes ab Arriano Collectae*. 2 volumes. Londres: 1739-41.
- TRINCAVELLI. *Arriani Epictetus Graeche*. Veneza: 1535.
- WOLF, H. *Arriani Commentariorum de Epicteti Disputationibus*. Basiléia: 1560-3.